

MONTARGIL, Filipe - "*Sousa, Marcelo Rebelo de*". In REIS, António; REZOLA, Maria Inácia; SANTOS, Paula Borges (Coords.) - Dicionário de história de Portugal: o 25 de Abril. Porto: Figueirinhas, 2017.

Sousa, Marcelo NUNO DUARTE Rebelo de (Lisboa, 1948). Jurista, professor, jornalista, militante histórico e dirigente do PPD/PSD, secretário de estado e ministro. Filho de Baltazar Leite Rebelo de Sousa, médico e dirigente do Estado Novo próximo de Marcelo Caetano e de Maria das Neves Fernandes Duarte Rebelo de Sousa, diplomada em Serviço Social. Irmão mais velho de An-

tónio Rebelo de Sousa e de Pedro Rebelo de Sousa. Marcelo Rebelo de Sousa convive desde a infância com figuras proeminentes do Estado Novo. A partir dos seis anos acompanha o pai, subsecretário de Estado da Educação, em cerimónias e em deslocações oficiais, ao fim de semana. Chega a ir regularmente com o pai ao Palácio de São Bento, no período de doença do ministro em que Baltazar despacha diretamente os assuntos da educação com Salazar. Ainda criança, começa a acompanhar o pai nos encontros do grupo que se reúne no restaurante "A Choupana", aos sábados à tarde, em que vários notáveis discutem com Marcelo Caetano a vida política portuguesa. Assiste à atividade da tertúlia de "A Choupana" até entrar para a Faculdade de Direito. Nessa altura Marcelo Caetano, que passará a ser seu professor, solicita a Baltazar que deixe de trazer Marcelo Nuno (assim o tratará sempre Marcelo Caetano) aos encontros. Marcelo Rebelo de Sousa é desde muito cedo, desta forma, um observador privilegiado do funcionamento do sistema político, conhecendo de forma próxima a concretização prática da teoria política, que virá a estudar mais tarde. Um primeiro traço fundamental do seu percurso até 1974, à luz da mudança de regime a 25 de Abril, consiste no envolvimento político ativo e na persistente afirmação da esperança numa abertura do regime a partir de dentro. É, deste ponto de vista, um membro empenhado da juventude da oposição democrática, fazendo o pleno da participação nas suas grandes correntes: envolve-se nos movimentos católicos, na SEDES e apoia a Ala Liberal. Esta característica permite, adicionalmente, conferir sentido às suas intervenções ocasionais como jornalista e columnista, à intervenção política na faculdade ou ao início do seu envolvimento e da atividade regular no *Expresso*. Um segundo traço saliente consiste na capacidade de estabelecer e man-

ter relações em todos os quadrantes sociais e, sobretudo, políticos. A expectativa de uma evolução do regime, de uma mudança a partir de dentro, não significa, no seu caso, uma atitude solitária. Marcelo Rebelo de Sousa é um homem de contactos, de pontes e de amizades social e politicamente diversificadas. Esta característica manter-se-á, ao longo da vida. Faz os estudos liceais no Liceu Normal de Pedro Nunes, onde entra em 1959. A sua intervenção é enquadrada, inicialmente, através dos movimentos católicos, integrando a pré-JEC, da Ação Católica, nos primeiros anos do liceu e, a seguir, através da Juventude Escolar Católica (JEC). Ingressa na Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa em 1966. No primeiro ano da faculdade passa da JEC para a Juventude Universitária Católica (JUC). Frequenta algumas reuniões, mas a atividade da JUC deixa de ser regular. A entrada na Faculdade de Direito do filho de um dirigente destacado do Estado Novo não deixa de suscitar expectativas sobre a sua participação e alinhamento político. Marcelo acaba, contudo, por não se aproximar claramente da direita (em que se destaca o movimento Ação Académica), nem dos movimentos estudantis de esquerda, assumindo uma intervenção não-alinhada. No final de setembro de 1968, na sequência de um conjunto de eventos que se precipitam, Marcelo Rebelo de Sousa é colocado na improvável situação de encontrar em Marcelo Caetano um amigo da família que assume um papel quase tutelar sobre si (a sua família está em Moçambique, onde o pai é governador-geral), um professor da sua faculdade e, ainda, o novo presidente do Conselho de Ministros. Por muito que a sua educação o tenha preparado para a proximidade com os protagonistas políticos, esta sucessão de acontecimentos e o subsequente período de mais de um ano em que janta semanalmente em casa de Marcelo

Caetano, coloca, com toda a probabilidade, Marcelo Rebelo de Sousa numa situação que exige o melhor da sua capacidade para procurar equilíbrios. A necessidade de equilibrar a sua umbilical ligação ao regime, as suas próprias ideias e convicções (mais liberais do que as do seu meio de origem, mas menos radicais do que as correntes mais ativas da oposição, no meio estudantil) e a sua vontade de intervir politicamente é cada vez mais premente. Na procura deste compromisso, acaba por pagar um preço praticamente inevitável. Por um lado, Marcelo Caetano sente-se desiludido com o jovem discípulo e impõe uma distância crescente. Por outro lado, os colegas na oposição consideram-no excessivamente próximo do regime. Colabora, a partir do verão de 1969, em vários jornais, revistas e outras publicações. É o caso, entre outros, do jornal universitário *Tempo* e do jornal diário *A Capital*. Em 1970, o grupo de reflexão e debate social que ficará conhecido como "Grupo da Luz" inicia a sua atividade. Vítor Melícias, padre franciscano e colega de Marcelo na Faculdade de Direito, embora não assuma a liderança formal do grupo, é uma figura central da sua organização e funcionamento. Para além de Vítor Melícias e de Marcelo Rebelo de Sousa, participam também António Guterres, Carlos Santos Ferreira, Miguel Belez, Luís Valadares Tavares, Leonor Belez, Pedro Roseta e Helena Roseta, entre outros. Ainda em 1970, vários membros deste grupo iniciam a sua colaboração com a SEDES. Marcelo, apesar de não integrar a associação desde o seu início, colabora regularmente na sua atividade e integra posteriormente o seu setor jovem. Marcelo Rebelo de Sousa conhece já, nesta altura, Francisco Sá Carneiro. Ainda estudante dos primeiros anos da licenciatura, assiste a uma sessão jurídica organizada pela Ordem dos Advogados, no Porto, em que Sá

Carneiro é orador. Mais tarde, assiste com frequência às sessões da Assembleia Nacional, em que Sá Carneiro é deputado recém-eleito, na sequência das eleições de 1969. O primeiro contacto próximo entre ambos dá-se, contudo, numa reunião de um dos grupos que Marcelo anima, na qual o deputado da Ala Liberal é convidado a participar. Marcelo, que se considera mais próximo de João Salgueiro, devido à sua capacidade analítica e de estabelecimento de cenários, é profundamente marcado pela determinação e pelas posições vincadas de Sá Carneiro. Em outubro de 1971, Marcelo Rebelo de Sousa termina a licenciatura, com a classificação final de 19 valores. A sua atividade após a conclusão da licenciatura é intensa: prossegue os estudos, iniciando na mesma faculdade o Curso Complementar de Ciências Político-Económicas, que conclui em 1972, com a classificação de 18 valores; inicia em 1972 a atividade como jurista, na Inspeção-Geral de Finanças e na Comissão Nacional do Ambiente; em junho de 1972, começa a colaboração com Francisco Balsemão no projeto do jornal *Expresso* e, em outubro do mesmo ano, dá os primeiros passos na carreira docente, como assistente na sua faculdade. Em julho de 1972, no meio desta intensa atividade, Marcelo Rebelo de Sousa casa. A noiva, Ana Cristina da Motta Veiga, é filha de António Jorge Motta Veiga, um membro destacado do regime, da confiança pessoal de Salazar. A cerimónia é demonstrativa da latitude dos relacionamentos que a família e Marcelo Rebelo de Sousa cultivam, juntando convidados salazaristas, marcelistas, deputados da Ala Liberal (como Balsemão, Magalhães Mota e Sá Carneiro) e personalidades que virão a estar ligadas ao Partido Socialista (como António Reis, António Guterres e Sottomayor Cardia). A cerimónia é de tal forma arrojada, para os padrões do regime, que Gonçalves Rapazote,

ministro do Interior, comenta mais tarde com Baltazar, em Conselho de Ministros: “Dir-se-ia que eram letra de Sá Carneiro com música de Zeca Afonso...” (Sousa, 1999: 360). A atividade no *Expresso*, onde integra o núcleo fundador, abre caminho a uma nova etapa da sua experiência jornalística. Assume inicialmente funções de gestão, mas cedo é desviado para a área de conteúdos. O seu trabalho nesta área inclui responsabilidades de direção e coordenação editorial, a gestão da delicada relação com a censura e a redação de textos, rubricas e artigos de opinião (em que a rubrica “Gente”, através da qual veicula irreverentes mensagens políticas sob a capa de histórias ou de fábulas, de forma a escapar aos cortes da censura, rapidamente ganha um lugar próprio). Contacta regularmente, neste período, com Francisco Sá Carneiro, que já deixou a Assembleia Nacional e assina semanalmente a rubrica “Visto”, no jornal. Como conta Maria João Avillez, “Marcelo Rebelo de Sousa serve quase todas as semanas de medianoite entre um Francisco Sá Carneiro ferozmente determinado e frontal e um Francisco Balsemão pretendendo maleabilizá-lo, chamá-lo à razão, fazer-lhe ver que é melhor um ‘Visto’ cortado que ‘Visto’ nenhum...” (2010: 93). Apesar de manter uma relação próxima com ambos, Marcelo Rebelo de Sousa encontrará sempre em Balsemão, cosmopolita e mais flexível, mais espaço de intervenção e protagonismo. Em finais de maio de 1973, Balsemão encontra-se ausente no estrangeiro, pela primeira vez na história do jornal, e confia a direção a Marcelo. Este não resiste e publica uma edição explosiva, a 2 de junho. Logo na primeira página, uma destacada chamada de capa adota o título “Autópsia política do 28 de Maio”, sugerindo perigosamente a imagem da morte política do regime. A manchete recorre à expressão direita radical para qualificar o I Congresso dos

Combatentes do Ultramar e expõe divergências nas Forças Armadas (“Direita radical em Congresso: A política separa os combatentes que se reúnem”). Vários dos restantes textos e notícias da primeira página, ou do resto da edição, são incómodos. No total, a edição desprezita três dezenas de cortes impostos pelo “Exame Prévio”. O jornal é sujeito, por este motivo, não apenas a exame prévio dos textos, mas também às próprias provas de página, durante um período. O jornal conquista, com este e com outros episódios, uma posição única, mas ameaça a sua própria sobrevivência. Na madrugada de 25 de abril de 1974, Marcelo Rebelo de Sousa trabalha no *Expresso*, na Rua Duque de Palmela, de onde sai por volta das quatro da manhã. Passa ainda pelo escritório que arrendou para trabalhar em pareceres e no doutoramento, na Rua Dom Francisco Manuel de Melo, e cruza-se, à saída, com uma coluna de viaturas militares, perto do Rádio Clube Português, na Rua Sampaio e Pina. Esta pode ser, imagina, uma movimentação marcante. Hesita entre a possibilidade de regressar ao *Expresso*, ou continuar em direção a casa. Decide dirigir-se a casa e ouve, no rádio do carro, o primeiro comunicado do Movimento das Forças Armadas, por volta das 4h30m. Em casa, telefona aos pais e a um conjunto de familiares e amigos, dando conhecimento da operação militar em curso. Regressa, a seguir, para o *Expresso*, onde Balsemão já se encontra reunido com os jornalistas. Nos dias seguintes, mantém-se em contacto constante com os fundadores do PPD, com quem trabalha no seu arranque e constituição. É Marcelo Rebelo de Sousa quem redige, por exemplo, o comunicado de constituição do partido, lido no telejornal da RTP, a 6 de maio. A sua influência, depois do 25 de Abril, é extensa e multifacetada. Procurando uma síntese, podem ser apontadas algumas dimensões-chave. Pode,

em primeiro lugar, ser destacada a influência do seu trabalho no *Expresso*. Esta atividade é marcante, antes de mais, pela forma como contribui para a afirmação concreta da liberdade de imprensa em Portugal. Este trabalho já vem de trás, com a criação do jornal, e é acompanhado por outros meios de comunicação e por muitos jornalistas. Contudo, mesmo neste contexto, o seu contributo é assinalável. Uma segunda linha de influência que decorre do seu trabalho no *Expresso* consiste no papel determinante que desempenha para moldar o estilo e o género jornalístico do comentário político, na democracia portuguesa. Esta influência encontra nas crónicas que assina, a partir de novembro de 1974, na página 2 do caderno principal, mais um elemento marcante. Depois do trabalho na fase inicial da vida do *Expresso*, estas crónicas constituem uma referência incontornável, na história da análise e do comentário político em Portugal. Um terceiro vetor a assinalar, corresponde à visibilidade e capacidade de marcar a agenda, que, juntamente com Balsemão, confere ao PPD – e que este, em rigor, ainda não atingiu na sociedade portuguesa. Como o próprio nota, se o PCP e o MDP/CDE têm, em maio de 1974, o perfil de partido de massas, capaz de se expandir por uma mobilização de base e o PS é dotado de quadros imediatamente aptos ao desempenho de funções políticas e administrativas, o PPD, em formação, não se encontra ainda nesta situação (Sousa, 1983: 245). Uma segunda dimensão relevante da sua atividade depois do 25 de Abril, para além do *Expresso*, consiste no contributo direto para a implantação no terreno e para a afirmação do lugar próprio do PPD. Marcelo Rebelo de Sousa integra o PPD desde a primeira hora, militando no núcleo que impulsiona o seu desenvolvimento desde as primeiras iniciativas. A elaboração de comunicados, de textos, o seu trabalho na sede do

partido, a participação em sessões de esclarecimento e em comícios, a representação do PPD em várias comissões e a coordenação do trabalho de implantação do partido, são exemplos desta atividade, essencial para o crescimento do partido no terreno. O seu trabalho na implantação e organização do partido estende-se a Lisboa, Setúbal, sul do Ribatejo e Alentejo, de maio a julho de 1974. No final de julho, concentra esta atividade sobretudo em Lisboa e em Setúbal. Na sequência deste envolvimento assume a presidência da comissão regional de Lisboa (mais tarde conhecida como distrital), ainda em 1974. A participação na afirmação e consolidação institucional, dentro e fora do partido, em sua representação, é, também, relevante. Chefia a delegação do PPD na comissão para a celebração do 5 de Outubro, em 1974. Integra a comissão encarregada da redação do projeto de lei da imprensa, em agosto e setembro. No I Congresso do PPD, em novembro de 1974, é eleito membro do conselho de fiscalização (sendo este o primeiro cargo que ocupa, nos órgãos do partido). Em abril de 1975, é eleito, com 26 anos, deputado à Assembleia Constituinte, ocupando o sexto lugar da lista do PPD para o círculo eleitoral de Lisboa. Em finais de maio, integra a equipa de secretários-gerais adjuntos do PPD, sob a liderança de Emídio Guerreiro – funções que mantém até finais de junho. Nas eleições de abril de 1976, contudo, e apesar de presidir à distrital de Lisboa, decide não integrar as listas de candidatos. Afasta-se, deste modo, do bulício e facilita a constituição das listas, que muitos lutam por integrar – em contraste com a experiência da Constituinte, que considera como as listas “mais fáceis de fazer da história do PPD” (2000: 457). Não voltará a ser deputado, depois da Assembleia Constituinte. No III e IV Congressos, em outubro de 1976, é vice-presidente da mesa do congres-

so. Um talento que coloca ao serviço do partido é a sua habilidade diplomática, negociadora e tática, em diversas ocasiões. Marcelo Rebelo de Sousa possui uma extensa rede de contactos e, adicionalmente, um sentido lúdico da política, uma capacidade de surgir como prestidigitador que capta as atenções com uma *mise en scène*. Estes recursos foram utilizados por várias vezes (nomeadamente por Francisco Sá Carneiro), frequentemente numa lógica de tática política, estabelecendo contactos, promovendo diálogos, criando pontes, precipitando decisões ou evitando temas indesejados. Este talento é determinante, na vida do PPD, por mais de uma vez. É o caso, por exemplo, das primeiras eleições presidenciais, em 1976, em que o PPD se antecipa ao PS, no apoio público a Ramalho Eanes. É Marcelo Rebelo de Sousa quem informa Sá Carneiro de que Ramalho Eanes é candidato presidencial, preparando-se Mário Soares para anunciar publicamente o seu apoio. Esta informação precipita a reação do PPD, que apoia publicamente a candidatura de Eanes antes do PS, assumindo a liderança da iniciativa. A notícia é-lhe dada por Rui Villar, com quem se encontra à saída de uma sessão da SEDES (Sousa, 2000: 969-970). Num contexto de tensão, de frequente radicalização, em que as clivagens são exacerbadas, este capital é tendencialmente escasso e precioso. Uma terceira dimensão consiste, pode dizer-se, no contributo para o desenho e consolidação do próprio regime. Marcelo Rebelo de Sousa é, também, um membro ativo do núcleo fundador do desenho do novo regime. Integra a 5.ª Comissão, que elabora a proposta para a parte III da nova constituição, relativa à organização do poder político, em que se envolve ativamente. Participa nas discussões em sessão plenária para a aprovação do Regimento da Assembleia da República e realiza, ainda, um vasto número de intervenções, nas sessões plenárias da As-

sembleia Constituinte, participando em vários debates. Assume, posteriormente, um extenso conjunto de funções e responsabilidades. É diretor do jornal *Expresso*, em 1980 e 1981. Assume, no VIII Governo Constitucional, liderado por Balsemão, as funções de secretário de Estado da Presidência do Conselho de Ministros, de setembro de 1981 a junho de 1982, e de ministro dos Assuntos Parlamentares, de junho de 1982 a janeiro de 1983. É, desde 1989, professor catedrático da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa. Líder do PSD, entre 1996 e 1999. Vice-Presidente do Partido Popular Europeu, entre 1997 e 1999. Membro do Conselho de Estado, em 2000 e 2001 e de 2006 até à atualidade. *V. tb.* CONSELHO DE IMPRENSA; EXPRESSO; FACTO MFA-PARTIDOS; PARTIDO POPULAR DEMOCRÁTICO (PPD); PINTO, CARLOS ALBERTO DA MOTA; POVO LIVRE

[F Mo]

Referências: Maria João AVILLETZ – *Francisco Sá Carneiro: Solidão e Poder*. Alfragide: Oficina do Livro, [1982] 2010 • Vitor MATOS – *Marcelo Rebelo de Sousa*. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2012 • Marcelo Rebelo de SOUSA – *Os Partidos Políticos no Direito Constitucional Português*. Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa: Dissertação de Doutoramento em Ciências Jurídico-Políticas, 1983; *Baltazar Rebelo de Sousa – Fotobiografia*. Lisboa: Bertrand, 1999; *A Revolução e o Nascimento do PPD*, 2 vols. Lisboa: Bertrand, 2000; *Crónicas da Revolução*, 2 vols. Coimbra: Tenacitas, 2005-2006 • Maria José STOCK – *Elites, facções e conflito intrapartidário. O PPD/PSD e o processo político português de 1974 a 1985*. Universidade de Évora: Dissertação de Doutoramento em Sociologia (Sociologia Política), 1989 • Intervenção de Marcelo Rebelo de Sousa na Tertúlia do Mercado, organizada pela Junta de Freguesia dos Anjos, no ciclo *Biografias Apaixonadas*, em que apresenta a biografia de Francisco Sá Carneiro, a 11 de julho de 2013.